

Comentários polémicos e discriminatórios na Internet: estudos de caso

Rosalice Pinto & Isabelle Simões Marques

Abstract: The aim of this paper is to verify how linguistic strategies inserted in social networks and digital media texts and discourses can show race and gender discriminations. Our study is based on textual-discursive approaches that consider the importance of contextual aspects for the materialization of texts. Our interest is to first analyze the comments and ‘heated’ debates caused by a Brazilian journalist social media post and then look at the linguistic strategies that built up this controversy. Our study provides some evidence that FTAs and FFAs - Brown and Levinson (1987), Kerbrat-Orecchioni (2005) - are important linguistic tools for showing different points of view about controversial themes. Moreover the existence of an antagonistic counter-discourse, with a double strategy: both to demonstrate a thesis or refute an adverse thesis is an important strategy to provoke controversy in the public sphere, as Angenot (1982: 32) points out.

1. Introdução

Como salienta Amossy, é na circulação dos discursos que se constrói a polémica “como conjunto dos confrontos verbais sobre uma questão de sociedade. Discursos monogeridos e duelos verbais são conduzidos no fluxo dos enunciados que se entrecruzam e se entrechocam para tratar de um assunto controverso”. Na verdade, segundo a autora, a instauração da polémica não é um sinal de fracasso, mas uma característica do pensamento democrático (Amossy, 2014: 215).

Na sociedade globalizada atual, em que relações de poder, dominação e desigualdade social evidenciam-se, é através dos discursos e textos que circulam (Van Dijk, 2001: 202) que as divergências acerca de temas polémicos são difundidas, fazendo ecoar discussões ferrosas no espaço público.

Face a relevância da polémica e dos fatores que lhe são desencadeadores, este trabalho procurará salientar de que

forma esta é suscitada a partir de um tema bem recorrente nas redes sociais: a discriminação contra a mulher negra nos *media*. Considerando que é pelos textos /discursos que circulam que esta polémica é construída e demonstrada, procurar-se-á desvendar as estratégias linguísticas utilizadas para evidenciar a sua construção textual em um estudo de caso. De forma a atender o objetivo proposto, serão selecionados excertos de ‘discussões’ recolhidas em maio de 2015, na imprensa digital e na rede social Facebook sobre a discriminação contra uma jornalista negra brasileira, Cristiane Damacena. A polemicidade traduzir-se-á nos diversos recursos linguísticos utilizados, como será atestado com a análise dos exemplos, ratificando o papel dos *media* digitais para alimentar a polémica na esfera pública.

Evidentemente, como afirma Goffman (1988: 4), todos os estigmas de raça, nação, religião são expressos nos processos de socialização e interação social. Contudo, neste trabalho, evidencia-se o preconceito (aqui sinónimo de dis-

criminação), enquanto estigma, correspondendo à situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação plena, sendo o termo utilizado em referência a um atributo profundamente depreciativo em relação ao outro.

2. Aportes teóricos

Neste trabalho, evidencia-se a noção de texto como *objeto empírico* cuja materialização linguística é condicionada por aspectos contextuais variados (sociais, históricos, culturais), como defendem as abordagens textuais-discursivas atuais (Bronckart, 1999; Maingueneau, 2014; Adam, 2017). Assim, os textos que circulam ‘reverberam’ questões sociais, culturais, refletindo-as ao nível de sua materialidade textual. Neste trabalho, em especial, deter-nos-emos em comentários¹ extraídos de textos em circulação nos *media* digitais e no Facebook sobre um caso de discriminação específico, como mencionado anteriormente: o da jornalista brasileira Cristiane Damacena.

Partindo deste pressuposto inicial, dois aspectos teóricos merecem algum detalhamento: os aspectos linguísticos a serem analisados em relação à polémica e as próprias características a ela associadas.

São vários os aspectos linguísticos que podem vir a traduzir o aspeto polémico ou a polemicidade. Ressaltaremos aqui os “Atos ameaçadores da face” - *Face-threatening Acts (FTA's)* e os atos valorizadores da face - *Face Flattering Acts (FFA's)*. Os primeiros foram conceitualizados por Brown & Levinson (1987) e os demais por Kerbrat-Orecchioni

(2005). Na verdade, cada língua dispõe de recursos linguísticos tanto para desvalorizar quanto para valorizar a face do alocutário, respectivamente. De acordo com os objetivos da própria interação verbal e da força ilocutória pretendida, os meios linguísticos podem ser selecionados: marcas de responsabilização enunciativa (formas de tratamento, por exemplo); expressões linguísticas depreciativas ou valorativas. Sendo que, para este trabalho, deter-nos-emos em exemplificar estas últimas.

No que tange à polémica enquanto reduto de confrontação de opiniões merece relevância ainda algumas características que podem a ela estar associadas. Segundo Amossy (2014), são três os movimentos específicos do discurso polémico: a dicotomização, a polarização e a desqualificação. Pelo primeiro, existe uma co-existência de posicionamentos contrários sobre um determinado tema; pela segunda, existe uma centralidade de opinião em torno do ponto de vista de um dos interactantes; pelo terceiro, a construção da interação polémica se faz com o uso de expressões linguísticas de teor depreciativo em relação ao outro interactante. Inclusive, esta polémica (ou controvérsia) está associada ao debate sobre temas com implicações sociais relevantes numa determinada cultura. Complementando esta afirmação, Angenot (1982: 32) salienta a relevância da controvérsia para que teses opostas se contraponham, reforçando a polémica no espaço público.

3. Estudo de caso

Debruçar-nos-emos sobre um caso de discriminação que ocorreu nas redes

sociais, no Brasil, como mencionando, e tentaremos entender os mecanismos linguísticos que subjazem o fenómeno da polémica.

3.1. A notícia

Um ataque racista contra uma jornalista de Brasília através do seu perfil no Facebook gerou polémica. Cristiane Damacena publicou no dia 24 de abril de 2015 uma nova foto no Facebook e cinco dias depois passou a sofrer injúrias de cunho racial por pelo menos cinco perfis diferentes.

Se observarmos os títulos escolhidos pela imprensa brasileira para noticiar o caso, encontramos os seguintes títulos e subtítulos:

- *“Polícia Civil investiga ofensas racistas a jornalista do DF em rede social - Cristiane Damacena foi chamada de “macaca e “escrava” em foto de perfil. Agressores podem responder por injúria racial; MP deve entrar com ação.”* (G1 Globo, 06/05/2015ⁱⁱ)

- *“Jornalista negra sofre ataques racistas após publicar foto no Facebook - Jornalista negra posta foto nas redes sociais e sofre enxurrada de ataques racistas. Em apoio à Cristiane Damacena, vários internautas também comentaram em repúdio ao preconceito. Agressores estão sendo identificados e podem ser punidos.”* (Pragmatismo Político, 05/05/2015ⁱⁱⁱ)

Os títulos dos dois jornais são semelhantes, enfatizando o ataque racista sofrido pela jornalista. No primeiro, é ressaltada a atuação da polícia civil na investigação do facto, o que evidencia a sua gravidade e, ainda, é afirmado que os culpados serão punidos. No segundo, a jornalista aqui já qualificada como ‘negra’, é representada como vítima, por ‘sofrer’ os ataques racistas. Contudo, ambos concordam em afirmar que a jornalista “sofreu”, ou seja, que foi vítima de racismo, sob forma de “ofen-

sas” para um e “ataques” para outro, sendo que os culpados “serão punidos”. É importante ainda salientar que o jornal G1 Globo faz algumas remissões a expressões linguísticas depreciativas que foram utilizadas nas redes sociais (“macaca” / “escrava”), fazendo ecoar essas mesmas injúrias para um público mais alargado. Em contrapartida, isto não é evidenciado com o jornal Pragmatismo Político que, aliás, intitula esta secção de “racismo não”, mostrando que condena estes atos, mas que infelizmente estes são frequentemente notícia.

Cada jornal, assim, seleciona as suas estratégias para reverberar a polémica no espaço público. Quer seja pela retoma de FTAs utilizados quando das reações verbais dos leitores no facebook da jornalista, quer pela inserção do tema polémico numa parte específica do jornal.

Vejam os ainda mais duas manchetes de outros dois veículos da imprensa brasileira.

- *“Mulher posta foto nas redes sociais e sofre enxurrada de ataques racistas – Em apoio à jornalista Cristiane Damacena, vários internautas também comentaram em repúdio ao preconceito.”* (Correio Braziliense, 4/5/2015^{iv})

- *“Alvo de racismo, jornalista de Brasília ganha comunidade e amplo apoio nas redes sociais; Polícia investiga ofensas.”* (Huffpost Brasil, 6/5/2015^v)

Estas duas manchetes mostram-se diferentes das precedentes, demarcando uma diferença também entre si. O jornal Correio Braziliense, não classifica Cristiane como uma jornalista brasileira, mas apenas como “mulher” como se fosse desconhecida, desvalorizando a importância de um perfil público local. O facto de categorizá-la como “mulher”, salientando o seu género, pode vir a ser um indício de discriminação, evidenciando um “estatuto inferior”. Por

outro lado, o jornal Huffpost Brasil tem uma postura diferente uma vez que valoriza o apoio que a jornalista tem recebido nas redes sociais. Temos de salientar também que nenhuma das quatro manchetes faz referência, no título, ao nome da jornalista.

Através destas manchetes, e apesar de apresentarem a mesma foto, vemos que o seu conteúdo varia bastante, podendo reforçar, ou não, o preconceito de género e de raça.

3.2. Os comentários na rede social Facebook

3.2.1. Os comentários negativos e racistas

Os comentários colocados na página da jornalista pelos internautas são bastante negativos e agressivos, tomando, muitas vezes, a forma de injúria racial e de insultos. Podemos classificar os insultos (desqualificações negativas materializadas, no caso, por FTAs) em diferentes categorias, uma delas diz respeito à ‘desumanização’. Esta está diretamente relacionada à analogia estabelecida entre a jornalista e animais ou escravos:

- *QUE LINDA MACACA*^{vi}
- *Quem deixou essa macaca sair do zoológico?*
- *SE REPARAMOS A COR DOS VESTIDO É AMARELO PQ LEMBRA A BANANA PRA ELA, COR PREFERIDO DO MACACO*
- *Quanta ta essa escrava?*
- *Fugiu da senzala?*

A segunda categoria diz respeito aos insultos, acompanhados pela referência à cor da pele e uma desvalorização social:

- *Mãe tô na tv da África*
- *Teve que acender todas as luzes da cidade pra ela poder aparecer na foto*
- *Lixosa*
- *Posso aparecer na Globo também?*

A jornalista é comparada literalmente a um animal ou a uma escrava ou é remetida para a sua cor de pele. Alguns comentários maldosos são irónicos (« posso aparecer na globo também? »). Vemos que os insultos são claramente raciais e portanto racistas. O que importa não é a pessoa mas sim o que representa, ou seja, como é categorizada socialmente.

3.2.2. Os comentários positivos e de apoio

Nesta secção deparamo-nos com comentários de apoio à jornalista. Por um lado, há a existência de comentários elogiosos, referentes à beleza física e moral da jornalista, como o podemos ver nestes comentários. Estes FFAs evidenciados pelo uso de expressões linguísticas de teor axiológico positivo evidenciam o apoio e demonstram a dicotomização da polémica, atestando a democratização do espaço público:

- *Linda*
- *Lindaaaaaaaaa*
- *LINDA DEMAIS*
- *Feita a pincel, linda mesmo*
- *Linda e simpática!*
- *Linda e maravilhosa!!!*
- *Vc é lindaaaaaaaaa!!!!*
- *Parabéns, você é muito linda!!!*
- *Parabéns por ser linda!*
- *Belíssima.*
- *Maravilhosa*
- *Poderosa*
- *Mui bela*
- *Minha YALODÊ! Maravilhosa! Mil SALVES!*
- *Perola negra*
- *Casa comigo muller?*

Por outro lado, existem também comentários de apoio à jornalista e de crítica aos anteriores comentários racistas, sendo uma resposta a esta polémica

criada em torno da fotografia colocada pela jornalista:

- *Cristiane vc é tão digna quanto qualquer outra pessoa, e muito linda tb... Pessoas preconceituosas não merecem sua atenção. Vc é amada, Deus te abençoe...*

- *Cristina minha flor, vc é linda, comentários racistas devem ter sumidos no meio de tantos elogios, mas não baixe a cabeça preta vá em frente e procure seus direitos, racismo é crime!!!! Se empodere!*

- *Linda, muita mais do que muitos "brancos", tanto que são tão ignorantes que eles não sabem que eles por serem latinos também sofrem preconceito, vc é linda por dentro e por fora*

- *Vc ri não só com a boca como também com os olhos. Tens uma expressão fantástica. É linda e deve se orgulhar de como você é, da sua cor. Nenhum comentário idiota vai tirar este brilho q vc tem!*

- *São tão covardes que se escondem atrás de fakes. Você é linda.*

- *Muito triste nos dias de hoje ver que ainda existe gente que se esconde atrás de uma tela de computador para cometer crime, crianças? Pessoas com problemas familiares? Se você não gosta de pessoas de raça negra sai do mundo, do planeta, se feche, não somos obrigados a aguentar preconceitos, RACISMO É CRIME NÃO É OPINIÃO!!!*

Vemos que os comentadores devolvem a identidade à Cristiana, tratando-a pelo seu nome próprio ou qualificam-na com expressões com valor axiológico positivo relacionadas à beleza (física e moral) da jornalista.

4. Conclusões

Para concluirmos, podemos afirmar que, como notou Amossy (2014: 51), a polémica diz respeito a um debate sobre uma questão atual, de interesse público

que traz implicações sociais relevantes em determinada cultura. Ou ainda, como afirma Angenot (1982: 32), insere-se em discursos em que há oposição de pontos de vista, ou seja, supõe a existência de um contra-discurso antagônico, com uma dupla estratégia: tanto de demonstração de uma tese quanto de refutação ou desqualificação de uma tese adversa. E, como vimos no estudo de caso, a língua (no caso o PB) dispõe de recursos linguísticos específicos para atestar esta dicotomização de opiniões sobre temas polémicos no espaço público. As controvérsias numa sociedade democrática suscitam discussões, embates de vozes e comentários que reverberam diferentes ideologias e opiniões.

Referências

ADAM, J.-M. (2017). *Les textes: types et prototypes*. 4ème édition. Paris: Armand Colin.

AMOSSY, R. (2014) *Apologie de la Polémique* col. "l'interrogation philosophique". Paris: Presses Universitaires de France.

BANDEIRA, L. & BATISTA, A.S. (2002) Preconceito e discriminação como expressões de violência. *Revista de Estudos Feministas*, 10 (1).

BRONCKART, J.-P. (1999). *Atividade de linguagem, textos e discursos*. Por um interacionismo sociodiscursivo. São Paulo: EDUC.

BROWN, P. & LEVINSON, S. (1987). Universals in language Use: Politeness phenomena. In. E. Goody (ed.) *Questions and politeness: strategies in social interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 56-289.

CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. (1999) *Discourse in Late Modernity. Rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh University Press.

FAIRCLOUGH, N. (1992) *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press.

GOFFMAN, E. (1981) *Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

GOUVEIA, C. M.A. (2001) Análise crítica do discurso: enquadramento histórico. *Saberes no Tempo – Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*, Lisboa, pp. 335-351.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. (2005) *Le discours en interaction*. Paris: Armand Colin.

KILOMBA, G. (2008) *Plantations Memories, Episodes of Everyday racism*. Munster: Unrast Verlag.

MAINGUENEAU, D. (1998). *Analyser les textes de la communication*. Paris : Dunod.

ROSIER, L. (2006) *Petit traité de l'insulte*. Loverval: Éditions Labor.

TEIXEIRA, C. (2016). Questões de semiótica e de gramática em comentários jornalísticos. *Cadernos de Linguagem e Sociedade* 17 (1), pp. 140-161.

VAN DIJK, T.A. (1993) Principles of critical discourse analysis. *Discourse and Society*, 4 (2), London Sage, pp. 249-283.

VAN DIJK, T.A. (1995) Discourse semantics and ideology. *Discourse and Society*, 5 (2), London: Sage.

VAN DIJK, T.A. Introdução. In: VAN DIJK, Teun A. (Org.). (2014) *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, pp. 11-24.

ofensas-racistas-jornalista-do-df-em-rede-social.html

ⁱⁱⁱ<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/05/jornalista-negra-sofre-ataques-racistas-apos-publicar-foto-no-facebook.html>

^{iv}http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/05/04/interna_cidadesdf,481895/mulher-posta-foto-nas-redes-e-sofre-enxurrada-de-ataques-racistas.shtml

^vhttp://www.huffpostbrasil.com/2015/05/06/racismo-jornalista-df_n_7224564.html

^{vi} Os negritos são nossos.

ⁱ O comentário neste trabalho não será considerado um gênero textual/discursivo autónomo. Na verdade, assume-se aqui que pode estar inserido em gêneros diversos. O que o caracteriza é o seu teor opinativo advindo dos recursos linguísticos utilizados. Para detalhes, sobre o comentário jornalístico em especial, ver: Teixeira (2016).

ⁱⁱ<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/05/policia-civil-investiga->